

DIAS NETO, DIOLINO TAVARES. *UMA JANELA NO MURO: CRÔNICAS*.
VITÓRIA: PAGINAUM, 2005. 126 P.

Karina de Rezende Tavares Fleury
Mestranda em Estudos Literários/Universidade Federal do Espírito Santo

Jornalista, escritor, professor e compositor, Tavares Dias nasceu na cidade mineira de Tumiritinga, no Vale do Rio Doce, no dia 13 de setembro de 1951. Há vinte e oito anos atuando como jornalista, passou pelos principais veículos de comunicação do Espírito Santo. Trabalhou na extinta TV Manchete, no Rio de Janeiro, e, em São Paulo, na revista *Istoé* e nas editoras Globo e Best-Seller. Nesta última, foi editor de romances. Tem coluna própria em www.brazilianvoice.com (Newark, NJ, USA), www.seculodiario.com.br (Vitória) e www.mineiros-uai.com.br <http://www.mineiros-uai.com.br/> (Belo Horizonte). Sua parceria musical com o cantor e compositor mineiro Zé Geraldo já lhe rendeu quinze gravações em CDs e DVDs. Autor de *Sinais de mim* (poesia, 1995), *Bairro São Pedro* (reportagem, 2001), *Boca de Beijo* (crônicas, 2000) e *Uma janela no muro* (contos, 2005), em breve, Tavares Dias publicará *No reino de Pedro Félix* (contos).

O Espírito Santo tem em sua história grandes cronistas como Yvonne Amorim, Rubem Braga, Carlinhos Oliveira e Marzia Figueira. De origem medieval, a crônica tornou-se, há dois séculos, uma modalidade literária associada ao jornalismo. Hoje, ainda é intensa e laudável a produção cronística entre os capixabas, que a cultuam em suas mais diversas variações, publicando-as em revistas, jornais ou sites, e muitas vezes reunindo-as em volumes.

As cinquenta crônicas de *Uma janela no muro* transitam, em torno de personagens reais (Zé Geraldo, Chico Aurélio, José Antônio Andrade Souza, por exemplo) ou fictícios, entre o necrológico (“A genialidade letal”); o monólogo (“ Não pira sem me ligar”); o diálogo (“Um sedutor do bigode doce”); o jornalístico (“A dor da gente não sai no jornal”); a inventiva (“O

menino do coração transparente”); o humorístico (“ O casamento de Sucata de Pleibói”); a confissão (“Mas eu não sou tsunami”); o reflexivo (“Mulher que assusta homem”); o ensaio (“ O escritor invisível”); e o poético (“Uma janela no muro”), fato que confere à escrita de Tavares Dias um lugar entre a lírica e o conto, conforme preceitua Massaud Moisés, em *Dicionário de termos literários*: “a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele dotes de contador de histórias”¹.

Certo é que, seja oscilando entre o lirismo e o conto, ou aproximando-se mais de um que de outro (vale lembrar que Francisco Aurélio Ribeiro, na apresentação de *Uma janela no muro*, escreve que as crônicas ali contidas “são ‘quase-contos’”), Tavares Dias não só não recua diante do lugar comum, como o aproveita a fim de recriá-lo sem aquele tom pedante ostentado por alguns cronistas. É o que faz em “A doce poesia dos cruéis”: “Desde que o mundo é mundo, sabe-se que o Homem se debate entre duas forças, a do Mal e a do Bem” (p. 27).

Dono de uma linguagem prazerosa, Tavares traz nessa obra uma série de textos cujos temas nos remetem aos tempos de criança e às doçuras e travessuras próprias da infância, aos sonhos e desejos de liberdade experimentados pelos adolescentes, ao discurso de tom sério e reflexivo que adotamos quando adultos. Muitas vezes notamos tênue o limite entre o biográfico e o ficcional, cujo tom mais intimista sensibiliza o leitor, como em “Meu brinquedo inesquecível”: “Seu Nenzinho, [...], certa vez me matou de alegria: apareceu em nossa casa empurrando uma carrocinha de madeira que fizera com todo carinho [...]. Foi o meu brinquedo inesquecível e minha primeira ferramenta de trabalho”.

Se algumas vezes aborda assuntos filosóficos, como em “Credulina e os paradigmas”, lá está a crédula Credulina, “sempre disposta a ser a primeira a abraçar e defender até a morte a mais recente novidade” (p. 53), fazendo com que o cronista teça um “papo cabeça”, franco e aberto, porém imaginário, com a amiga, e o com o leitor: “Tá cheio de credulinos e credulinas por aí” (p. 54).

Porém, se sua “inspiração” de cronista se concretiza quando está diante de fatos reais, Tavares Dias sabe moldá-los com mestria, imprimindo-lhe uma fina camada de humor e ironia: “O

escritor capixaba, de um modo geral, é um agente secreto frustrado. Não conseguindo seguir a vocação original, descobriu uma outra maneira de manter-se incógnito” (“O escritor invisível”, p. 102).

Assim, segue o cronista aventando um variado espectro literário diante de seu leitor, conquistando-o com suas pequenas crônicas-contos. Como em “Uma janela no muro”, crônica que dá título ao livro, Tavares Dias nos dá a chave para abirmos as pequenas janelas nos milhares de muros que existem dentro de nós, o que nos impossibilita, nestes tempos “de e-mails e de celulares”, “nestes tempos de desencontros e de aflição” (p. 18), ser-estar para o outro.

Uma janela no muro estreita a distância pautada entre o ontem e o hoje, a criança e o homem, faz-nos revivificar sentimentos então adormecidos pelo tempo. Por essa razão, acreditamos que os textos que se encontram engastados nesse livro não envelhecerão com o passar dos anos, o que confere à obra melhor sorte que outras do mesmo gênero.

¹ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 111.